

Sexualidade

Aprendendo a lidar com a sexualidade

Sandra Machado

foto: Sandra Machado

Sexo é assunto de gente grande. Mas as orientações que vão nortear uma sexualidade sadia têm que começar na infância, com respostas às próprias perguntas que vão surgindo espontaneamente. De olho nessa questão, em 2003 o Ciclo de Debates convidou uma especialista para orientar os adultos sobre a melhor maneira de tratar a sexualidade. A educadora sexual Maria Cristina Werner, que tem Mestrado em Psicologia Clínica pela PUC Rio e está fazendo o Doutorado em Saúde Mental no IPUB — Instituto de Psiquiatria da antiga Universidade do Brasil, hoje UFRJ. Terapeuta de família, a Dra. Cristina ensina o seu segredo: responder qualquer indagação com a maior naturalidade. Mas também tirar o caráter de ilegalidade a respeito do tema e passar sempre a noção de que vida sexual tem todo um contexto. O cotidiano em sala de aula vai muito além do ensino propriamente dito. Nada melhor que agregar os esforços, na escola e em casa, para dar uma educação sexual que passe segurança para os alunos. Em palestra aos professores da Educação Infantil até a 4ª série, dia 24 de maio, e da 5ª série ao Ensino Médio, no dia 28, a Dra. Cristina deu uma receita simples. “É importante o professor deixar claro para os pais a postura correta, sem dar peso excessivo se o questionamento do filho for sobre sexo.” No dia 4 de junho, foi a vez da terapeuta falar, no auditório do Colégio, para uma platéia de pais. Afinal de contas, a despeito de todos os problemas do mundo moderno, a escola é a última instituição que ainda parece servir de referência, inclusive quando os pais buscam orientação.

“O limite é fundamental. Mas os pais e professores só podem dar limite se acolhem e amparam, não podem ser só repressão”, explicou a Dra. Cristina, dando ênfase a esse aspecto junto ao público infantil. Já no caso dos adolescentes e pré-adolescentes, o foco recaiu no comportamento que expressa a afetividade. A idéia central é de que filhos e alunos precisam aprender que tudo tem hora e lugar certo, e que o ambiente escolar não é o mais apropriado para fazer certas descobertas.



Segundo a terapeuta, é fundamental que haja uma certa afinidade entre os dois universos, família e escola, além de um discurso comum. “Uma família liberal que procura um colégio rígido pensando em dar limites aos filhos acaba criando um conflito – e vice-versa.” É preciso, também, que os educadores consigam acompanhar as mudanças da sociedade. “O Colégio Cruzeiro é um bom exemplo. Quem sobrevive mais de 140 anos tem, no mínimo, flexibilidade.”

A Dra. Cristina Werner ensina: “Não se pode ter medo de falar sobre o assunto”

A Dra. Cristina recomenda observar a influência da mídia na formação da personalidade dos jovens, porque eles estão sofrendo uma exposição cada vez mais prolongada, tanto à televisão quanto ao computador e à Internet. Aqui, mais alguns conselhos valiosos: · O auto-erotismo faz parte do aprendizado e é importante também para as meninas. Ele está diretamente relacionado à capacidade de se realizar sexualmente na idade adulta. · A homossexualidade é construída socialmente e tem a ver com os modelos com que a criança convive. Diante de comportamentos femininos nos garotos – o mais comum – nada de rotular. E lembrar que aptidão profissional, por exemplo, não depende do gênero. · Nunca se deve deixar os filhos irem dormir na cama do casal. “Melhor um dos pais ir dormir no chão, no quarto da criança, até ela pegar no sono e depois sair de fininho.” · É desaconselhável o hábito de pais que beijam a boca dos filhos, no chamado selinho. “Nesse particular, qualquer assimetria está errada.” · Na hora de corrigir comportamentos, não criticar negativamente. “Em vez de dizer, por exemplo, que o filho é desorganizado, melhor dizer que o quarto não está tão organizado quanto poderia.” · Outro truque valioso, para os professores, é trazer sempre as questões para a turma. “Por menor que seja a criança, tem que encaminhar uma roda de discussão.”